

## GÊNERO DISCURSIVO E GÊNERO SOCIAL: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE IDENTIDADES DE MULHERES EM 'O CORTIÇO'

Maria Cecília de LIMA\*

**Resumo:** *Partindo do pressuposto de que em diferentes gêneros discursivos são constituídas diferentes identidades, objetivamos investigar quais são as identidades constituídas em gêneros discursivos que circulam em uma escola pública de ensino fundamental. O nosso foco é na identidade de mulheres, adultas ou adolescentes. Para isso, adotamos os pressupostos da Análise de Discurso Crítica, concebida como teoria e método, assim como os pressupostos da Sociologia e dos Estudos Culturais. Tomaremos como base os trabalhos de Chouliaraki & Fairclough (1999); Giddens (2002); Magalhães (2000); Thompson (1995); Walsh (2001) e Wodak & Meyer (2001). Apesar de haver a idéia de que hoje o discurso veiculado é emancipatório, observamos que, ao contrário disso, em gêneros discursivos utilizados no ensino de língua materna, em escolas de ensino fundamental, são ainda constituídas identidades enfraquecidas, submissas a um discurso tradicional.*

**Palavras-chave:** *discurso; gênero discursivo; gênero social; identidade.*

### Introdução

O gênero discursivo representa uma determinada realidade, estabelece relações sociais e atribui certas identidades de gênero – gênero social<sup>1</sup> – às pessoas, uma vez que se encontra socialmente situado, correspondendo a distintas maneiras de usar a linguagem para cumprir diversas tarefas culturalmente definidas (BAKHTIN, 1997; CHRISTIE & MARTIN, 1997; EGGINS & MARTIN, 2000; MEURER & MOTTA-ROTH, 2002).

Assim, por meio de um gênero discursivo literário, é possível que identidades de gênero sejam constituídas por meio de discursos

\* Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Endereço eletrônico: [mariaceciliadelima@bol.com.br](mailto:mariaceciliadelima@bol.com.br)

<sup>1</sup> Gênero social refere-se às categorias masculino e feminino, categorias essas que normatizam as relações sociais, uma vez que na sociedade não existem fenômenos naturais.

nele veiculados. Por isso, é de grande importância que na instituição escolar se trabalhe criticamente com os diversos gêneros discursivos. Importante também é que profissionais da educação comecem a atentar para o fato de que é na interação que as identidades de gênero são constituídas e, sendo também a escola local de interação, de constituição da cidadania e de identidades – as de gênero social e tantas outras –, cabe aos/às educadores/as também constituir seres humanos críticos e emancipados por meio do trabalho com os gêneros discursivos.

Uma vez que nos gêneros discursivos temos a veiculação de ideologias<sup>2</sup>, crenças, valores, identidades de gênero que podem ser reproduzidos, trabalhos de leitura crítica de gênero discursivos precisam ser feitos, veiculados e desenvolvidos em salas de aula para que alunos(as) ressignifiquem o conteúdo das obras e para que não aceitem como dadas as identidades de gênero nelas representadas. Como a escola, espaço formal de práticas e eventos de letramento (BAYNHAM, 1995, GEE, 1990; STREET, 1983, 1995, 1997), se apresenta como *locus* de construção da cidadania, deve levar alunos(as) a terem condições de realizarem leituras críticas acerca do mundo social no qual vivem, entendendo que a leitura crítica é aquela que implica conscientização das ideologias (THOMPSON, 1995) presentes nos textos e que moldam o comportamento das pessoas.

Por refletir sobre isso, nosso trabalho tem como *objetivo* proceder à análise de discurso crítica de gêneros discursivos que circulam em escolas de ensino médio, na cidade de Uberlândia – MG, em especial um trecho de “O Cortiço”, focalizando nele identidades de gênero de três personagens mulheres: Bertoleza, Zulmira e Rita Baiana. Para procedermos à análise, contaremos com as *contribuições teóricas* da Lingüística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985), juntamente com a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), estudo acerca de gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997; EGGINS & MARTIN, 1996, SWALES, 1990) e de diferentes estudos sobre gênero social (GRADDOL & SWANN, 1992, TALBOT, 1998; WALSH, 2001).

Ao empregar o arcabouço da Lingüística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985) para a análise de trechos do gênero discursivo literário romance “O Cortiço”, focalizaremos na variável de registro campo (*field*), ligada às categorias gramaticais de transitividade e de vocabulário.

Nossa análise se justifica pelo fato entendermos que no con-

texto escolar o enfoque funcionalista da gramática está, ainda, ausente, o que nega aos(as) alunos(as) o acesso ao acontecimento discursivo em diferentes gêneros discursivos, nos quais são constituídas diferentes identidades. Assim, com nosso trabalho, poderemos contribuir para o desenvolvimento da conscientização de indivíduos acerca de como a linguagem é poderosa para a constituição de identidades, em especial, a de gênero. Linguagem essa que Fairclough (1989, 2001, 2003) considera “prática social” e por isso possui papel preponderante na manutenção, ou mudança, das relações de poder podendo contribuir, ou não, para a emancipação de indivíduos.

## **Fundamentação Teórica**

### **Análise de Discurso Crítica e a Lingüística Sistêmico-Funcional**

A Análise de Discurso Crítica, considerando a linguagem como prática social e o contexto de uso da linguagem crucial para a construção de sentidos (FAIRCLOUGH, 2001; WODAK, 2001), tem como objetivo investigar criticamente como as desigualdades são expressas, constituídas, legitimadas pelo uso da linguagem (WODAK, 2001), questionando não só os textos escritos ou orais, mas qualquer semiose, onde temos materializações de escolhas lingüísticas que refletem os processos sociais em que os seus(suas) produtores(as) estão inseridos(as), tornando possível identificar a(s) ideologia(s) subjacente(s) às relações de poder e sua conexão com a linguagem presente no discurso.

Ao mostrar que a linguagem é socialmente construída, Fairclough (1992) aponta para a ação dos(as) participantes no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder que operam. O autor relaciona a construção com a interação social, textos com outros textos e discurso com identidade. Desse modo, as abordagens de Fairclough (1992, 2001, 2003) e de Halliday (1985) são instrumentos para o estudo da linguagem em contextos específicos. Tais abordagens servem para que entendamos o relacionamento entre linguagem e identidade, e fazem vir à tona o papel que as instituições possuem na constituição de identidades e mostram como o poder é distribuído na sociedade e que as identidades não são como algo concluído, mas um processo moldado sócio-historicamente pelas relações de poder que estão em jogo nas práticas discursivas – estando sempre em construção.

Ao se analisar as relações de poder desigual, faz-se necessário descrever e teorizar os processos e estruturas sociais que ocasionam a produção de textos e a produção de sentido na interação de indivíduos ou grupos com esses textos. Sendo assim, são importantes para uma Análise de Discurso Crítica os conceitos de poder, história e de ideologia (THOMPSON, 1995) que é tida como modos pelos quais significados são construídos e expressos por formas simbólicas de vários tipos. Thompson (1995), ainda aponta para os modos de ação da ideologia que naturalizam relações desiguais; entre elas, as de gênero. Ao contrário disso, tomando um viés não determinista, a Análise de Discurso Crítica acredita na relação dialética entre discurso e sociedade, acredita que, com a mudança discursiva, é possível promover a mudança social. O que complementado pela afirmação de Wodak (2001), de que a Análise de Discurso Crítica tem objetivos emancipatórios, o que se revela consonante com o objetivo central de nosso trabalho, a saber, descortinar acontecimentos discursivos para que, no contexto escolar, alunos(as) possam se conscientizar das ideologias subjacentes aos discursos, em especial, no que se refere a identidades de gênero.

Para a prática da Análise de Discurso Crítica, Chouliaraki & Fairclough (1999) apresentam-nos um arcabouço teórico analítico, reunindo três tradições analíticas: a Lingüística, a análise textual e lingüística; a tradição micro-sociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso-comum partilhados, e a tradição macro-sociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) – ambas tradições de grande importância para o estudo da relação entre linguagem e poder.

O quadro analítico da Análise de Discurso Crítica apresenta, segundo Chouliaraki & Fairclough (1999):

- 1) um problema social (atividade, reflexividade)
- 2)
- 3) apresenta obstáculos que precisam ser resolvidos por meio da:
- 4)
  - a) análise da conjuntura
  - b)
  - c) análise da prática e do momento discursivo:
  - d)
    - i) práticas relevantes;

- ii)
- iii) relação do discurso com outros momentos
- iv)
  - b ii a) discurso como parte da atividade,
  - b ii b) discurso e reflexividade
- e) análise do discurso (a própria semiose):
- f)
  - i) análise estrutural: a ordem do discurso
  - ii) análise da interação
    - c ii a) análise interdiscursiva
    - c ii b) análise lingüística e semiótica
- 3) função do problema na prática
- 4) identifica possíveis modos de vencer os problemas
- 5) reflexão crítica sobre a análise
- 6)

No caso de nosso trabalho, ater-nos-emos ao item desse arcabouço destinado à análise lingüística e semiótica (c ii b), empregando para isso o arcabouço teórico proposto por Halliday (1985), e nele focalizaremos a transitividade e o vocabulário.

Tendo como idéia básica que a língua constrói o contexto social e é por ele construída, a Lingüística Sistemico-Funcional é muito importante para a análise de texto. Ela é empregada na Análise de Discurso Crítica, por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação. Assim como Fairclough (1992, 2001, 2003), Halliday (1985) considera a linguagem como prática social, em que os participantes constroem significados, dependendo das circunstâncias históricas, culturais, sociais particulares em que estão envolvidos. De acordo com a lingüística sistemico-funcional, as condições de produção, o contexto em que o texto – contexto de situação – é produzido, os participantes da interação nesse contexto e o modo como os participantes organizam o texto para a comunicação irão influenciar as redes de significados que compõem os diferentes tipos de textos.

Pelo fato de Halliday (1985) considerar que os significados se

realizam em sociedade, em contextos específicos de comunicação, as variáveis de contexto – a de situação e a de cultura – são importantes para a análise. O contexto de situação é ambiente imediato em que o texto está de fato funcionando e serve para explicar por que certas formas foram ditas ou escritas em uma ocasião particular e o que mais poderia ser dito ou escrito. Esse contexto, o de situação, é influenciado por outro mais amplo, mais global, que é o contexto de cultura.

Uma vez que o sistema lingüístico é construído sócio-historicamente, em determinados contextos, apenas certos significados são possíveis. Temos que os fatores que constituem o contexto de cultura determinam coletivamente a forma como o texto é interpretado em seu contexto de situação.

Na Lingüística Sistêmico-Funcional, investiga-se o uso efetivo da linguagem em relação à atividade social em jogo e à intenção dos interlocutores. Assim, a linguagem, o texto e o contexto são tidos como os responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana. Assim, nesse arcabouço teórico, são estudadas as formas lexicogramaticais em relação a suas funções sociais (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002).

Ao se ter a linguagem em uso efetivo, temos que o contexto social pode causar impacto no texto. Ou seja, dependendo da função de um texto, o mesmo pode ser mais ou menos formal, por exemplo, devido ao fato de ele ser oral ou escrito, bem como pelo grau de proximidade entre autor e leitor. A essa dimensão do contexto de situação, chamamos de variável de registro *modo*. Tal dimensão está relacionada ligada à metafunção textual que está ligada diretamente à coerência, ela diz respeito ao estabelecimento das relações entre as frases e sua organização interna e ao seu significado. Seu significado está relacionado a categorias, tais como: tema/remã; dado/novo.

Na linguagem dos textos, temos também ilustrados os papéis sociais. Essa dimensão do contexto, que corresponde aos papéis sociais, chamamos variável de registro *tenor*. Essa variável está diretamente ligada à metafunção interpessoal, que consiste na interação entre a expressão dos papéis sociais, no desenvolvimento da personalidade do falante e na expectativa do interlocutor. Tal metafunção também reflete como os participantes expressam suas visões de mundo, seus julgamentos, suas atitudes e as relações dos papéis sociais que estabelecem entre si e com o que está sendo dito. As categorias gramaticais de modo e pessoa são relevantes para análises realizadas por meio dessa metafunção.

Outra dimensão do contexto de situação está ligados à metafunção ideacional, relacionada ao contexto de situação campo (*field*). Ela diz respeito ao que está acontecendo, à natureza da ação social, serve à expressão do conteúdo. Os significados ideacionais estão ligados à categoria gramatical de transitividade. Por meio dessa categoria, cada oração é analisada pelo tipo de processo no qual estão integrados os participantes, a meta e as circunstâncias.

Diferentemente de Halliday (1985), Fairclough (1992) distingue duas subfunções da metafunção interpessoal, a saber: a relacional – o texto na constituição das relações – e a identitária – o texto na constituição das identidades pessoais e sociais. Adotaremos a classificação de Halliday (1985).

O que temos em comum entre esses autores é que, para eles, todas as funções coexistem em um discurso e são importantes em uma análise de discurso porque nos permitem perceber a linguagem presente no texto como representante e constitutiva da realidade, das relações sociais e construtora de identidades sociais. Bem como têm em comum que as diferentes funções sociais de um texto determinam sua estrutura, que correspondem a diferentes maneiras de usar a linguagem para cumprir diferentes tarefas – constituindo diferentes gêneros discursivos.

## **Gêneros Discursivos**

Discussão insistente desde Aristóteles (2004) em seus estudos sobre poética e retórica, o estudo dos gêneros vem se transformando desde a classificação de obras em líricas, épicas e dramáticas até o entendimento de que é necessária uma abordagem do texto que privilegie a interação. Abordagem essa que tem sido discutida por diferentes autores(as). Alguns(mas) deles(as) são: Swales (1990), Bakhtin (1997), Fairclough (1992), Christie & Martin (1997), Eggins & Martin, 2000.

Swales (1990) afirma que um gênero lingüístico compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos também comunicativos bem definidos. Esses propósitos são conhecidos pelos membros da comunidade discursiva que é definida por esse autor como “Um grupo de pessoas que compartilham propósitos comunicativos para alcançar objetivos comuns” (1990, p. 24).

Um gênero, para Swales (1990), no que se refere ao seu con-



teúdo e à sua forma, deve ter características e regularidades mais ou menos previsíveis e, além disso, um caráter funcional. Para ele, as características de um gênero não poderiam ser totalmente previsíveis, posto que se transformaria em um 'ritual'. Ainda para esse autor, as manifestações do gênero lingüístico, além dos propósitos comunicativos, mostram padrões de semelhança em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público. Quando todos esses critérios forem satisfeitos, uma determinada ocorrência será vista como prototípica pela comunidade discursiva, contendo em si passos mais ou menos previsíveis – são os passos prototípicos de Swales (1990) – que devem estar presentes para que o gênero possa se constituir enquanto tal.

Manifestos em textos, os gêneros discursivos são entendidos por Bakhtin (1997), em um enfoque discursivo. Esse autor, que insiste no caráter social dos fatos de linguagem, considera o enunciado como o produto da interação social, sendo que cada palavra é definida como produto de trocas sociais, em um dado contexto que constitui as condições de vida de uma dada comunidade lingüística. Sendo social, e ocorrendo em um dado contexto, os gêneros são diversos, as produções de linguagem são diversas e são tipos relativamente estáveis de enunciados sendo caracterizados pelos seus conteúdos temáticos, estilo e construção composicional dos quais se utilizam.

Esses enunciados padronizados, relativamente estáveis, marcados por aspectos sociais, históricos e temporais de seu meio assim o são por refletirem as finalidades e condições específicas de cada instituição que, à medida que cresce também em sua complexidade, amplia o seu repertório de gêneros discursivos em uso. Por isso, embora pareça eternamente estável, o gênero discursivo assim não o é. Apesar das coerções que modelos nos impõem, devido ao nosso conhecimento do padrão do gênero eventualmente em questão, ele não é uma forma fixa, um todo acabado. Ele é heterogêneo, dialogal, intergenérico e, segundo Brandão (2000, p. 38), é

instituição discursiva, forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, enquanto materialidade lingüística que se manifesta em diferentes formas de textualização.

Bakhtin (1997, p. 281), devido à heterogeneidade dos gêneros do discurso e à conseqüente dificuldade de se encontrar e definir o caráter genérico de enunciado, propõe a distinção dos gêneros do discurso em dois tipos: os primários, também ditos simples, e os se-



cundários, ditos complexos. Os primários seriam aqueles ligados à vida cotidiana como, por exemplo, diálogo cotidiano, carta. Já os secundários ou complexos – *o romance, o teatro, o discurso científico o discurso ideológico, etc.* – *aparecem em circunstância de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente na escrita: artística, científica, sociopolítica.*

Essa divisão entre gêneros primários e secundários, proposta por Bakhtin (1997), é de vital importância, pois é na inter-relação entre os gêneros primários e o processo histórico de formação dos gêneros secundários, como o romance, que esclarece a natureza do enunciado e o problema da correlação entre língua, ideologia e visões de mundo.

Já Fairclough (1992) define gênero discursivo como uma série relativamente estável de convenções que é associada a um tipo de atividade ratificada socialmente, tal como um poema, um artigo científico. Para esse autor, um gênero implica não apenas um tipo de texto em particular, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos. Por exemplo, artigos de jornais e poemas não são apenas tipicamente diferentes tipos de textos, mas eles também são produzidos de diferentes formas, um é produto coletivo, outro é produto individual, ambos têm diferentes tipos de distribuição e são consumidos diferentemente – o último, incluindo diferentes modos de leitura e de interpretação.

Por um lado, os gêneros recebem influência das funções, dos objetivos, das convenções e normas sociais que o precedem, fazendo surgir formas convencionalizadas que representam o momento social que o originou; por outro, cada indivíduo irá exercer influência na produção de textos, pois cada um tem sua história, cada um desempenha um papel em um determinado grupo social e estará, portanto, habituado a determinadas práticas discursivas. Entretanto, a forma e o significado atribuídos a seu texto são determinados tanto pelo discurso quanto pelo gênero discursivo. Assim, podemos dizer que o conceito de gênero tem uma estreita ligação com o conceito de texto e de discurso.

Fairclough (2003) aponta para a necessidade de encontrar um padrão na análise de textos e interação, mas não de se pensar que eles sempre são organizados em termos de uma estrutura genérica clara, uma vez que, com tantas transformações sociais, os diversos gêneros, assim como as formas de ação e de interação, se transformam. E nessa transformação, novos gêneros vão surgindo até mesmo em decorrência da combinação de gêneros já existentes. Além disso,

somente determinados gêneros são bem definidos no que diz respeito à finalidade e estrutura genérica, e esses tendem a ser especializados dentro dos sistemas sociais por ação estratégica (HABERMAS, 2000).

Rothery & Stenglin (1997 *in* Christie, F. & Martin, J. 1997), ao tratarem do gênero narrativa, presente na obra por nós analisada, afirmam que ele tem o importante papel de introduzir os membros de uma cultura em formas valorizadas de comportamento, além do papel de construir valores, conservar as seqüências de atividades em ordem para manter a estabilidade da cultura, tendo também o potencial de mudá-la. Isso pode ser realizado, pelo fato de, para leitores/as jovens, ela jogar luz ao importante papel do indivíduo na cultura. Papel esse desempenhado pela linguagem e pela identidade de gênero de cada participante de uma dada cultura.

### **Linguagem e Identidade de Gênero**

No que diz respeito a gênero social – o que caracteriza o masculino e o feminino – temos que ele é um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligado ao sexo: homens devem ser masculinos, mulheres devem ser femininas, com tudo que isso implica e, segundo Badinter (1993, p. 99), “a identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa”. Porém, tal divisa tão distinta tem sido transformada no contexto social no qual vivemos, bem como nos textos socialmente produzidos.

Já Crawford (1995, *apud* Walsh, 2001) não percebe esta dicotomia como homogênea, e afirma que devemos evitar pensar em gênero com essa distinção.

Para Graddol & Swann (1992), a identidade de gênero é constituída na interação entre linguagem e processos sociais e, uma vez que há relação entre linguagem e estrutura social, é possível que a relação homens e mulheres não seja necessariamente um processo assimétrico; é possível que se trate de um processo fragmentado, no qual as mulheres possam estar sendo, sim, controladas pelos homens, mas no qual também há espaço para a luta em busca de liberação e ainda espaço para que as mulheres exerçam poder.

Seguindo esse raciocínio, o da relação entre linguagem e estrutura social, Magalhães (1995) discute as relações de gênero no Brasil, indicando uma tensão entre duas formas de coexistência em

textos sobre mulheres: o *discurso de controle* e o *discurso de liberação*. O discurso de controle, segundo afirma a autora, diz respeito ao (bom) comportamento que se espera das mulheres, freqüentemente tratadas como não-sujeitos, ou seja, seres indefesos e incapazes de ter opinião própria. Por outro lado, o discurso de liberação, bastante recente na história do Brasil, e normalmente associado à vida urbana, é uma espécie de reação contra o discurso de dominação do sexo masculino.

Podemos perceber que as abordagens de linguagem, de acordo com a proposta de Halliday (1985), propiciam reflexões a respeito da identidade de gênero como um dos aspectos da vida social moldada pela linguagem. Da mesma forma, Fairclough (1992, 2001, 2003) relata a sua compreensão do relacionamento entre linguagem e identidade e integra o estudo da linguagem à sua discussão acerca o contexto de produção, mostrando que o texto é inseparavelmente ligado aos seus processos de produção e interpretação e esses aspectos, por sua vez, são inerentes ao contexto sócio-histórico em que os participantes do evento discursivo estão inseridos.

Os estudos de Fairclough (1992, 2001, 2003) muito contribuíram para que fizéssemos uma correspondência entre valores, crenças e práticas, em contextos específicos, para moldar a linguagem e para entender como o papel desse é relevante para manter e contestar esses valores, crenças e práticas dentro de contextos específicos de cultura.

A contribuição de Fairclough (1992) para os estudos acerca do discurso e da identidade, e por extensão sobre identidade de gênero, deve-se às reflexões acerca da construção da identidade em um contexto de valores institucionais e culturais flutuantes. Para ele:

... o discurso contribui para o processo de mudança social em que as identidades sociais ou os 'eus' associados a domínios e instituições específicas são redefinidos e reconstruídos. (p. 137)

... a maioria, senão todas as dimensões analíticas separáveis de discurso têm algumas implicações diretas ou indiretas para a construção da identidade. (p. 167)

... quando um discurso enfatiza a construção, a função de identidade da linguagem, este começa a assumir grande importância, pois as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para os seus membros é um aspecto fundamental de como elas atuam e de como relações de poder são expostas e exercidas, de como as sociedades são

reproduzidas e mudadas. (p. 168)

Dessa forma, Fairclough (1992) mostra em seus estudos como a linguagem é socialmente construída e certamente como ela tem se constituído a mais poderosa de todas as mídias semióticas para a construção social da realidade. Mostra, ainda, que os participantes agem no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas sem seus projetos políticos e nas relações de poder em que operam. Ele relaciona construção social com interação social, textos com outros textos e discurso com identidade.

## **Análise**

A análise aqui apresentada foi realizada de acordo com a concepção da Análise de Discurso Crítica, proposta por Chouliaraki & Fairclough (1999), Fairclough (1992, 1991, 2003) em consonância com a Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 1985).

Para a análise textual do gênero discursivo, tomamos os padrões léxicogramaticais que compõem os textos investigados, no que se refere a uma das funções propostas por Halliday (1985): a ideacional. Tal metafunção, por se tratar da representação das idéias, da experiência humana, pode ajudar a revelar conhecimentos, gostos, preconceitos, valores, visão de mundo, estilos de vida, modos de pensar e de agir subjacentes a escolhas léxico-gramaticais presentes na composição do texto – prática discursiva importante na constituição de identidades de gênero. Por ser um dos recursos analíticos de textos ligado à função ideacional, a transitividade e o vocabulário serão os recursos analisados em nosso trabalho. Por meio dessas categorias analíticas, podemos interpretar aspectos ideológicos, socioculturais, identificando como ações e atividades humanas são representadas no discurso que realidade está sendo tratada e quais identidades são constituídas.

Ao se trabalhar com a categoria lexicogramatical de transitividade, sabemos que ela apresenta funções e papéis: processos representados por verbos, funções participantes e funções circunstanciais.

Fairclough (2003) entende que há divisão na forma de representar os processos e, também, na representação dos participantes, que ele chama de atores sociais. Para ele, nem todo participante é ator social. Por exemplo: *O carro bateu em Mary* e *O carro bateu na rocha*. Nesses exemplos, tanto *Mary* quanto *rocha* são objetos ou participantes, mas somente *Mary* desempenha o papel de ator social.

Nos exemplos<sup>3</sup> que analisamos, as mulheres de “O Cortiço” – Bertoleza, Zulmira e Rita Baiana – segundo a discussão de Fairclough (2003) ora são atores sociais, ora não o são, pois em alguns momentos são elas quem tomam certas iniciativas ora, não. Notamos porém, que mesmo sendo atores sociais, as identidades cunhadas para cada uma delas por meio dos processos nos quais se encontram envolvidas – são diferentes.

Nos processos materiais que se referem à personagem Bertoleza, notamos que a mesma se encontra no papel de agente em processos materiais ligados a ações domésticas, ao trabalho doméstico, por exemplo, ‘mourejava’, ‘varria a casa’, ‘vendia ao balcão’. Na grande maioria dos verbos de processo, veja exemplo a seguir, não notamos que em todos eles houvesse um alvo humano, ou seja, suas ações não são dirigidas, dando a idéia que as mesmas não têm objetivo: ‘frigia sardinhas’, ‘fazia a sua quitanda’. Isso pode revelar que as atividades por ela desempenhadas eram aquelas já esperadas pelo senso comum, como atividades de uma escrava e que não afetavam diretamente a vida de ninguém.

Bertoleza *representava* agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. *Mourejava* a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, *aviando* o café para os fregueses e depois *preparando* o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia além de um grande capinzal aos fundos da venda. *Varria* a casa, *cozinava*, *vendia* ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá fora; *fazia* a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite *passava-se* para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, *fritava* fígado e *frigia* sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comparar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda *encontrava* tempo para *lavar* e *consertar*, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (p. 21)

Nesses exemplos, Bertoleza é participante agente de verbos

<sup>2</sup> Segundo Gee (1990, p. 23), “ideologia pode ser compreendida como uma teoria social (...) que envolve generalizações (crenças, afirmações) sobre a maneira pela qual bens e produtos são distribuídos na sociedade.” Eagleton (1997, p. 15) enumera algumas das definições que encontramos sobre ideologia:” a) processo de produção de significados, símbolos e valores na sociedade; b) corpo de idéias características de um determinado grupo ou classe social; c) uma ilusão social necessária; d) a união entre discurso e poder; e) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.”

cujo sentido está relacionado ao mundo do trabalho doméstico, por exemplo, 'trabalhava', 'mourejava', 'aviando', 'preparando', 'varria', 'cozinha', 'vendia', 'fazia', 'passava', 'fitava', 'frigia', dentre tantos outros verbos de ação que reforçam a sua posição na sociedade vigente, bem como colabora para a constituição de uma identidade 'inferior' de acordo com o contexto de situação e de cultura do Brasil do século XIX.

Os processos mentais – relacionados a processos psicológicos como reflexões, sentimentos e percepções - não aparecem nos trechos selecionados para análise. Isso mostra que reflexões, sentimentos e percepções não faziam parte do mundo de Bertoleza. O que, de certa forma, nos autoriza a afirmar que a personagem nessa obra, bem como a classe e a categoria que ela representava – a das mulheres escravas, negras – não pensava, e nem tinha sentimentos reconhecidos.

Em relação aos verbos que indicam processos relacionais – aqueles ligados à representação de estados de identidade e de posse, identificando ou classificando atores sociais – temos verbos que representam um estado de identidade da personagem com a lida doméstica, reforçando o seu papel de mulher voltada para os serviços domésticos, escrava – ... *às quatro da madrugada **estava** já na faina de todos os dias ...* (p. 21); *lá **estava** ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.* (p. 65).

Segundo Eggins e Martin (2000), as diferenças no *campo* também se realizam por meio das escolhas léxicas e o vocabulário usado para qualificar, especificar, descrever essa mesma personagem, outra categoria analítica por nós observada, reforça o papel de apenas escrava, atribuído a Bertoleza. Ao se referir a ela, muitas vezes seu nome vinha acompanhado de um adjetivo que lhe marcava a idade – 'trintona' – vocábulo que, de acordo com a época, não mostrava nada de positivo que a personagem possuísse para os padrões da época, pois significava que já era uma mulher sem atrativos para um futuro marido. Outras vezes, seu nome é substituído por um item lexical que se refere à sua raça/etnia – 'negra', 'crioula' – marcando a sua condição de escrava, o que a deixava inferior a outros seres da obra.

Sua condição de escrava também era marcada nos trechos em que Bertoleza aparece '... sempre suja e tisonada, sempre sem Domingo nem dia santo...' (p. 65). Nesse trecho, temos o emprego do adjunto adverbial de tempo 'sempre' que, repetido na frase, reforça o fato de Bertoleza estar todo o tempo envolvida com serviços e enegrecida pelo manuseio do carvão, o que a tornava mais negra do que natural-

mente já era. Temos nessa mesma oração a presença de uma preposição de sentido negativo 'nem', ou seja a Bertoleza são negados os Domingos e dias santos, indicando que ela nunca descansava.

Em '... lá estava ao fogão, mexendo as panelas enchendo os pratos' temos a presença dos sintagmas verbais no gerúndio 'mexendo' e 'enchendo', e seus respectivos complementos 'as panelas' e 'os pratos', denotando ações repetitivas de Bertoleza: a de mexer as panelas e a de encher os pratos. Ações essas que são reforçadas pelo adjunto adverbial de tempo 'sempre'. O que indica, juntamente com outros exemplos que a vida da personagem se limitava a ações como as de servir e trabalhar sem descanso.

Fairclough (2001) considera que o significado das palavras, a criação de palavras e as metáforas são tópicos que se alinham sob o rótulo de vocabulário e que o mesmo, se tratado individualmente, não tem valor limitado para análise, pois há vocabulários sobrepostos em competição correspondendo aos diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas (Fairclough, 2001: 105), bem como que *a escolha do tipo de processo real pode ter significação cultural, política ou ideológica* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 224).

Porém, mesmo não podendo abarcar todas as possibilidades de análise de um texto, notamos que a análise da transitividade e das escolhas lexicais em torno da personagem Bertoleza nos traçam um perfil da identidade constituída para essa personagem, bem como os valores de uma época em relação à mulher negra e escrava.

Em relação a outra personagem, Zulmira, podemos notar que os processos a ela ligados são outros, mostrando outra identidade, bem como outra concepção de mulher em relação a ela, isso entendemos que ocorra devido a sua alta condição social, bem como ao fato de a mesma ser branca – o que para os padrões da época era o melhor.

As ações de Zulmira, ou seja processos materiais, não são dirigidas, não têm um alvo nem mesmo não-humano – ela “*crescia* muito pálida e *precisava* de largueza para enrijar e tomar corpo” (p. 23). Isso indica que essas ‘ações’, a de ‘crescer’ e a de ‘precisar’ não afetavam ninguém, somente ela mesma, não afetando em nada outras pessoas. Tais ações porém, mostram necessidades de Zulmira consoantes com a época: deixar a fragilidade pueril, tornar-se mulher para que pudesse logo se casar.

Já em “*Respirava* o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia...” traz um alvo que reforça a fragilidade da per-



sonagem, o fazendo de forma a poética de modo a não caracterizar a personagem de forma negativa – nesse trecho, até na sua fragilidade sua identidade é constituída positivamente.

Verbos ligados a processos mentais, no trecho analisado, não foram encontrados. Mostrando que, independente de outros atributos positivos que a personagem possui em relação a sua classe social e raça/etnia, não temos nem reflexões, nem sentimentos, nem percepções ligadas a ela. O que para as mulheres casadoiras era o ideal, pois os homens assim o esperavam e essa era a atitude cunhada pela educação que as mulheres recebiam da família e da sociedade.

Ao se referir a Zulmira, jovem branca, filha de homem de posses, o vocabulário já reflete uma outra realidade, outra identidade. Em alguns momentos, ela é representada como frágil, delicada; porém, sem grande beleza. Atributos ligados à personagem por meio de processo relacional: “Zulmira (...) **era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas (...), pés pequenos, quadril estreito...**” (p. 34). O item lexical ‘magrinha’, no diminutivo, expressa a tocante fragilidade de Zulmira, o que é reforçado com outro item, ‘pálida’.

O ‘quadril estreito’, sintagma nominal referente a Zulmira, oferece um interpretação paradoxal, podendo indicar que a mesma não tinha grandes dotes para a procriação – característica negativa para a época – e, ao mesmo tempo, que não tinha atrativos para chamar a atenção dos homens – característica até certo ponto positiva, pois não oferecia preocupação quanto a sua sexualidade. Porém, mesmo não tendo quadril que chamasse a atenção, o que poderia demonstrar que a mesma era recatada, existe outro atributo a ela dirigidos que não são tão desejáveis “...mas os olhos grandes, negros, vivos e **maliciosos**.” (p. 34). Tais atributos a ela dirigidos indicam que ela, apesar de frágil e delicada, possuía traços que a sociedade vigente considerava perigosos.

Zulmira, em sua descrição, parece ser a personagem mais ambígua, fragmentada, carregando traços positivos e negativos. Por isso, tem a sua identidade constituída de forma cambiante, não fixa: não é nem boa nem má, santa ou demônio, mas é tudo ao mesmo tempo. O que, de certa forma, representa um perigo para a sociedade da época, pois poderia, a qualquer momento ter mais acentuada, mais exposta a sua identidade negativa, o que para a sua classe social, raça/etnia e gênero social não seria avaliado de forma positiva.

Em relação à personagem Rita Baiana, notamos que há um maior número de verbos relacionados a processos materiais. Vejamos, a seguir, trechos da obra:

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha de trajo de Domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela **respirava** o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador.(...)

— Casar? **Protestou** a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? **Livra!** Para quê? Para **arranjar** cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! Qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!

E **sacudiu** todo o corpo num movimento de desdém que lhe era peculiar. (...)

Esta última notícia causou verdadeiro júbilo no auditório. As patuscadas da Rita Baiana **eram** sempre as melhores da estalagem. Ninguém como o diabo da mulata para **armar** uma função que ia pelas tantas da madrugada, sem saber a gente como foi que a noite passou tão depressa (...).

Rita **carregou** para dentro de seu cômodo as provisões que **trouxera**; **abriu** logo a janela e **pôs-se a cantar**. Sua presença **enchia** de alegria a estalagem toda. (p. 66-8)

A personagem Rita Baiana é participante agente em mais verbos que indicam processos materiais que as outras duas personagens citadas: Bertoleza e Zulmira. Os verbos relacionados a processo materiais referentes às ações da mestiça não têm relação direta com o mundo doméstico, a relação deles é, por vezes, com o mundo da sensualidade. Podemos certificar isso em ‘ Irrequieta, *saracoteando* o atrevido quadril baiano ...’. quando Rita pratica a ação de saracotear, sendo que o objeto é o ‘atrevido quadril’. Saracotear, balançar com graça, está no gerúndio, o que pode indicar que essa ação de Rita era constante, uma característica da personagem. Nesse trecho, assim como quando fizemos referência a Zulmira, a citação do quadril da personagem. Porém, aqui, o sentido é outro, pois para Rita, por toda a obra, é explicitada a sua liberdade libidinal. E o quadril, dentro de certas cultu-

ras, indicador de sensualidade, principalmente nesse caso que o quadril é 'atrevido'.

Também temos materializado em verbos de processo, a posição de Rita como sua provedora, pois *Rita carregou para dentro de seu cômodo as provisões que trouxera; abriu logo a janela e pôs-se a cantar.* (p. 68). Pondo-se a cantar, Rita tem sua identidade constituída como uma pessoa alegre. Rita também é livre e considera o casamento um compromisso que pode tirar essa liberdade que tanto valoriza. — *Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativoiro?* (p.66)

A idéia do casamento ser algo ruim para Rita pode ser certificada pelo fato de a personagem referir-se a tal contrato usando a sentença na forma interrogativa, dando à pergunta um tom de protesto, o que está materializado com o uso do verbo 'protestou'. Bem como respondendo ao segundo questionamento que fez com uma sentença no imperativo afirmativo 'livra!', exigindo um ato do agente, ou seja, dela mesma de não se casar.

Temos o verbo de processo 'encher' nos mostrando que as ações de Rita faziam diferença na vida das pessoas: '*Sua presença enchia de alegria a estalagem toda*' (p. 68). Em outro verbo de processo, notamos Rita como alvo '*Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela.*' Nesse trecho temos que ela era cercada para que contasse sua vida e as pessoas que moravam no cortiço gostavam disso. O que pode indicar também que Rita exercia certo poder sobre seus vizinhos.

No trecho a seguir, *Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava*, encontramos, com verbo de valor relacional, o que Rita pensa de um marido e também o que pode ser para um cônjuge uma mulher. Temos a relação: marido = diabo e mulher casada = escrava. Sendo que, na relação marido = diabo, temos adjetivo superlativo relativo 'pior', ou seja, nessa relação de comparação, o diabo é melhor que um marido. E se assim o é, Rita não pretende se casar com quem quer que seja, o que dá a ela características de mulher livre, independente e de quem sabe cuidar de si, independentemente da presença de um marido, o que era de praxe no séc. XIX.

Já Rita Baiana, mestiça, era representada como a mulher sedutora: "*Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem...*" (p 49) – é o que podemos constatar por meio desse sintagma nominal que denota explicitamente que ela é vadia e o que pode ser intensificado pela presença das reticências, dando a enten-

der que ela é vadia e algo mais, certamente de cunho também negativo. Assim, temos a identidade de Rita representada de forma negativa devido à sua sensualidade, como podemos verificar no exemplo a seguir: *E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, **saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano**, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador.*? (p. 65-6). No interior do sintagma verbal 'saracoteando o atrevido e rijo quadril', temos itens lexicais que possuem um potencial de significado que remetem à sexualidade de Rita, ou seja, em um dado contexto permite-nos dar a elas certas interpretações e outras não. Podemos exemplificar isso com o termo usado *saracoteando* que, indica que Rita mexia os quadris com desenvoltura e graça, e se ainda atentarmos para o fato de no texto o quadril vir acompanhado de dois especificadores 'atrevido' e 'rijo', o que seria essa quadril atrevido? O que representa o fato de o quadril de Rita se rijo? Tudo isso confirma a sensualidade de Rita.

Assim, a representação de Rita Baiana se difere da das outras personagens, Bertoleza e Zulmira, no que se refere a ações realizadas, bem como pela identidade a ela atribuída por meio dos processos materiais e relacionais. O que as aproxima é a ausência de verbos de processos mentais dos quais sejam participantes agentes. Nos trechos analisados, nem Bertoleza, nem Zulmira, nem Rita parecem pensar ou Ter sentimentos reconhecidos.

## Considerações

Por meio da análise da transitividade, podemos analisar o que está sendo dito e como o autor representa fatos da realidade, certamente baseando-se em valores, princípios que fazem parte de sua 'visão de mundo', ou de seus padrões ideológicos. Temos a reconstituição de práticas de uma época em que as identidades de gêneros eram constituídas de forma diferente de hoje, por meio das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos daquela época. Relações essas que se pautam no poder.

As identidades como vemos não são essenciais, e podemos notar que ao analisar identidades de mulheres, não podemos rotulá-las de submissas ou não, como se todas fossem iguais. Pois, além da categoria de gênero, outras como raça/etnia e classe contribuem para a constituição de suas identidades.

Para Bertoleza, negra, escrava, os exemplos mostram uma pessoa que tem sua identidade constituída de forma 'inferior'. Pois de acordo com os padrões da época, não possui nenhum traço positivo. Já Zulmira, branca e filha de homem de posses, tem sua identidade constituída de outra forma. Nos é mostrada uma mulher sem atrativos sensuais, o que para a época poderia ser vantajoso, pois a personagem não oferecia perigo de ter a sensualidade e sexualidade afloradas e isso poderia lhe garantir um casamento que oferecesse vantagens financeiras – o que era comum. Já Rita tem mostrada toda a sua sensualidade, sua liberdade libidinal. Sua identidade ora é constituída como negativa, ora não.

Ao trabalharmos com a Análise de Discurso Crítica, a Lingüística Sistêmico-Funcional, teorias sobre Gêneros Discursivos, bem como com Gênero Social, estaremos contribuindo para que, sob o ponto de vista da Lingüística, as questões referentes a gênero sejam repensadas, por exemplo, ao trabalharmos com o desvelar dos estereótipos constituídos nas obras Para esse Fairclough (2001), a escolha das palavras empregadas em um texto não é de natureza puramente individual, – uma vez que a cada palavra ou expressão dita, corresponde a outra ou outras que foram silenciadas, e essa escolha não é inocente, trazendo no seu bojo a construção da realidade de uma época, de uma sociedade, e de um contexto no qual suas identidades construídas, também por meio da transitividade, do vocabulário, da palavra que, com sua discursividade, produz efeitos de sentido, – e a relação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-muitos, em ambas as direções: as palavras têm vários significados ... (FAIRCLOUGH, 2001) sendo o significado das mesmas constituídos no interior de processos sociais e culturais muito amplos. O que pode ser descortinado por meio de análise das metafunções (HALLIDAY, 1985) presentes nos textos.

LIMA, M. C. Discursive genre and genre constitution: a critical discourse analysis

**Abstract:** *Presupposing different discursive genres constitute different identities; this paper aims at investigating which identities constitute discursive genres that circulate in High Schools. Focus will be centered in women identity (adults and teens). It will be taken as theoretical framework Critical Discourse Analysis (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Magalhães, 2000), conceived as*

*theoretical basis and method, as well as theoretical principles from Sociology (Giddens, 2002; Thompson, 1995) and Cultural Studies (Walsh, 2001; Wodak & Meyer, 2001). Nowadays, in spite of having the idea uttered discourse is emancipator, it is realized that, on the contrary, discursive genres used for teaching mother tongue in High Schools are constituted on weak identities, submitted to a traditional discourse.*

**Keywords:** *discourse; discursive genres; social genres; identity.*

## Referências

- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- AZEVEDO, A. **O cortiço**. São Paulo: FTD, 1993.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Literacy practices**. Londres: Longman, 1995.
- BRANDÃO, N. H. (coord.). **Gêneros do discurso nas escola**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Edimburgo: Edinburg University Press, 1999.
- CHRISTIE, F. & MARTIN, J. (eds.). **Genre and institutions: social process in the workplace and school**. Londres e Nova York: Continuum, 1997.
- EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Boitempo, 1997.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, R. & MEYER, M. **Methods of critical discourse analysis**. Londres: Sage Publications, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Coord. Trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

GEE, J. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. Hampshire: The Falmer Press, 1990.

GRADDOL, D. & SWANN, J. **Gender voices**. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.

\_\_\_\_\_. **Learning how to mean: explorations in the development of language**. Londres: Edward Arnold, 1975.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MAGALHÃES, M. I. S. **A critical discourse analysis of gender relations in Brazil**. *Journal of Pragmatics*, 23: 1995, pp. 183-197.

MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ROTHERY, J. & STENGLIN, M. Entertaining and instructing: exploring experience through story. In: CHRISTIE, F. & MARTIN, J. (eds.). **Genre and institutions: social process in the workplace and school**. Londres



e Nova York: Continuum, 1997.

STREET, V. B. (ed.). **Croos-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **Social literacies**. Londres e Nova York: Longman, 1995.

SWALES, J. M. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWANN, J. **Girls, boys and language**. Nova York: Cambridge University Press, 1992.

TALBOT, M. **Language and gender**. Cambridge: Polity Press, 1998.

THOMPSON, J. B. **ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WALSH, C. **Gender and discourse: language and power in politics, the church and organisations**. Londres: Longman, 2001.

WODAK, R. & MEYER, M. **Methods of critical discourse analysis**. Londres: Sage Publications, 2001.